

NEOCONSERVADORES E FALCÕES LIBERAIS: DUAS NARRATIVAS PARA A GUERRA DO IRAQUE (2000-2006)

Gabriel Romero Lyra Trigueiro
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UFF
gabrieltrigueiro@yahoo.com.br

“Por que os liberais americanos aceitaram a catastrófica política externa do presidente Bush? (...) Por que a *intelligentsia* liberal norte-americana optou por se posicionar em cima do muro?”¹ Com a habitual verve, em artigo publicado na prestigiada *London Review of Books*, o historiador Tony Judt interrogava os liberais norte-americanos a respeito de suas omissões e eventuais anuências em relação aos conflitos do Afeganistão e Iraque. Sua argumentação é particularmente interessante, dada a natureza incomum de seu alvo retórico: a esquerda dos EUA. Trata-se de um alvo peculiar, pois foi grande a frequência com qual a pecha de “guerras de direita” foi atribuída aos referidos conflitos. Isto é, quase sempre a condenação feita à política externa dos EUA, adotada para o Afeganistão e Iraque no início do século XXI, foi direcionada ao Partido Republicano. Ou aos neoconservadores². Ou aos *think tanks* ligados à administração Bush³. Ou mesmo à presença de um *lobby* sionista, que agiria

¹ JUDT, Tony. Bush's Useful Idiots. 21 de Setembro de 2006.

Disponível em: <http://www.lrb.co.uk/v28/n18/tony-judt/bushs-useful-idiots>

Acesso em: 07 de agosto de 2010.

² Para uma definição arguta do movimento neoconservador, ver FUKUYAMA, Francis. *Dilema Americano*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. Para uma investigação da percepção que os próprios neoconservadores têm de si mesmos, é interessante ver STELZER, Irwin (ed.) *The Neocon Reader*. United States of America: Grove Atlantic, 2004. Trata-se de uma antologia com os artigos canônicos do neoconservadorismo – bem como de alguns não tão conhecidos assim, todos eles agrupados em blocos temáticos: “Política Doméstica”, “Origens Intelectuais” etc. É instrutivo também, ler KRISTOL, Irving. *Neoconservatism: The Autobiography of an idea*. United States of America: Elephant Paperback, 1999. – no qual Irving Kristol discorre a respeito de uma infinidade de temas sociais, culturais e políticos. Para uma interessante análise do papel desempenhado pela identidade judaica na constituição do movimento neoconservador, ver FRIEDMAN, Murray. *The Neoconservative Revolution: Jewish Intellectuals and the Shaping of Public Policy*. United States of America: Cambridge University Press, 2005. Particularmente caro a esta pesquisa, também, é um livro escrito por Ben J. Wattenberg – intelectual judeu que atuou como *speechwriter* do presidente Lyndon B. Johnson. Trata-se do estudo da gênese do neoconservadorismo a partir da migração de intelectuais antes identificados com o Partido Democrata para as hostes da direita norte-americana. Ver WATTENBERG, Ben J. *Fighting Words: A Tale of How Liberals Created Neo-Conservatism*. United States of America: Thomas Dunne Books, 2008.

³ TEIXEIRA, Tatiana. *Os Think Thanks e sua influência na política externa dos EUA*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007.

nos bastidores de Washington, segundo algumas narrativas, de uma forma não muito diferente da de um titereiro com seus bonecos⁴. Poucos, no entanto, foram aqueles que se ocuparam em inferir que, afinal de contas, à esquerda norte-americana também poderia caber um quinhão daquele ônus político. Ora, um ambiente democrático, pressupõe-se, é o espaço no qual o dissenso se manifesta e o discurso oficial é submetido ao constante escrutínio do povo, de uma imprensa livre e de uma oposição política bem organizada. Por um lado, as arbitrariedades do Estado estavam aumentando em escala exponencial⁵. Por outro, não era perceptível uma reação que não fosse torpor, por parte daqueles que deveriam arguir e exercer vigilância intelectual. Ou ainda mais estranho: não foram poucos os intelectuais identificados com a esquerda política que teceram loas às iniciativas militares do governo Bush.

A questão mais delicada, portanto, não era a imobilidade de determinado segmento da esquerda americana. O problema principal era outro: como alguns intelectuais conseguiam conciliar filosoficamente uma formação de esquerda, e uma militância neste lado do espectro político, com um discurso apologista da guerra de 2003? O exame de uma antiga asserção de Gary Gerstle⁶ ajuda a elucidar esta questão. Segundo ele, nenhum tipo de nacionalismo liberal poderia ser bem sucedido na América do século XXI sem que se levasse em conta as questões cívicas e militares advindas da experiência norte-americana no Vietnã⁷. Se adotarmos a premissa de Gerstle como verdadeira, é possível igualmente afirmar que a Guerra do Iraque fez emergir algumas questões que estavam relativamente ausentes do debate público norte-americano desde a década de 1970. Faço menção aqui à discussão do problema da guerra para além de um foro meramente militar. Refiro-me ao tratamento de aspectos filosóficos e

⁴ MEARSHEIMER, John J.; WALT, Stephen M. *The Israel Lobby and U.S. Foreign Policy*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2007.

⁵ Ler por exemplo as considerações feitas pela Anistia Internacional a respeito do *USA PATRIOT Act*. Civil Rights and the “War on Terror”.

Disponível em: <http://www.amnestyusa.org/war-on-terror/civil-rights/page.do?id=1108209>

Acesso em: 12 de Setembro de 2010.

⁶ Gerstle leciona História na Vanderbilt University e é um estudioso proeminente da política americana do século XX.

⁷ Ver GERSTLE, Gary. Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da guerra. *Tempo* [online]. 2008, vol.13, n.25, pp. 37-63.

transcendentes que podem advir de um conflito armado em uma escala macro. Algumas dessas questões podem ser enumeradas:

- i) as implicações morais de uma guerra;
- ii) a responsabilidade e o papel do intelectual ao lidar com as questões advindas da guerra;
- iii) os desdobramentos cívicos e públicos gestados na sociedade civil, decorrentes da guerra.

É ainda lendo Gerstle, agora em outro momento⁸, que nos deparamos com um comportamento em certa medida análogo ao dos intelectuais da esquerda norte-americana, ao lidar com os problemas morais suscitados pela Primeira Guerra Mundial, durante a presidência de Woodrow Wilson. Segundo Gerstle:

As late as 1917, on the eve of American intervention in the Great War, a majority of Americans were not eager to fight. Their enthusiasm for war had to be aroused, their loyalty to the nation-state secured. Woodrow Wilson sought to mobilize support by portraying the war as a means of extending Progressive reform, both in the United States and abroad: this was to be a “war to end all wars”, a “war for democracy” in which the power of old monarchs and empires would be crushed and the freedom of ordinary people everywhere would be enhanced. In calling on Americans to participate in this great crusade, Wilson thought he could draw on the Progressives’ desire to unite all citizens in a single community of shared values and aspirations. But America was too heterogeneous a society and the opposition to war was too deep for that community to be built overnight through exhortation alone. Thus the Wilson administration turned rather quickly to coercion –censoring the mail, curtailing the rights of free speech and assembly, jailing aliens and dissenters. (GERSTLE, 1994)

É digno de nota que encontremos muitos dos elementos que caracterizaram a retórica pró-guerra do presidente Wilson, nos discursos que seriam feitos em defesa da Guerra do Iraque pela administração George W. Bush. Discursos, aliás, que seriam prontamente referendados intelectualmente por parcela significativa dos liberais e neoconservadores norte-americanos. Expressões como “*war for democracy*” e “*the freedom of ordinary people everywhere would be enhanced*” atestavam o pretenso

⁸ Ver GERSTLE, Gary. The Protean Character of American Liberalism.

Disponível em: http://www.cerium.ca/IMG/pdf/Lundi_matin_-_The_Protean_Character_of_American_Liberalism.pdf

Acesso em: 14 de maio de 2011.

caráter cosmopolita e positivo da guerra, e seriam frequentemente inscritas na retórica de ambos os lados do espectro político. A presença de um constante componente *moral*, na caracterização da guerra, também surgia como mais um elemento análogo entre os dois momentos históricos. Não à toa que Gerstle se vale da expressão “*great crusade*” para descrever o modo discursivo com o qual Wilson apresentou a Primeira Guerra Mundial aos intelectuais da época, visando obter o seu suporte intelectual e apoio político. Também não é sem interesse que lemos a última frase do período acima destacado, escrita por Gerstle. É difícil não estabelecermos analogia entre os meios coercivos empregados por Wilson e as medidas adotadas por George W. Bush, plasmadas no *USA PATRIOT Act*. Em ambos os momentos históricos, havia uma argumentação jurídica que buscava legitimidade evocando a segurança nacional. Todavia é imperativo que retornemos ao momento político que se sucedeu à decisão do governo americano invadir o Iraque.

É certo que a esquerda norte-americana estava habituada a contra-argumentar com intelectuais conservadores, como Charles Krauthammer⁹. Porém, talvez fosse complicado se opor à argumentação de um *brother in arms* como Paul Berman¹⁰ e todo o apelo humanitário de seu discurso. Confrontar a retórica pró-guerra de um Robert Kagan¹¹, por exemplo, era o *rotineiro* no debate público. Tratava-se de um quadro histórico do Partido Republicano, afinal. Talvez estudando de modo detido suas analogias históricas, seu modo de argumentar, não seria tão complicado enfrentá-lo. Kagan, assim como Krauthammer, era o *inimigo conhecido*. Mas como lidar com Michael Walzer¹²? O mesmo Walzer que durante os anos 1960 integrou as fileiras de oposição à Guerra do Vietnã, seria o intelectual que mais atacaria as inconsistências de

⁹ Krauthammer é um intelectual judeu, expoente do pensamento conservador norte-americano. Possui uma coluna de opinião no *The Washington Post*, na qual escreve sobre a cena política dos EUA. Krauthammer foi o autor do célebre artigo KRAUTHAMMER, Charles. *The Unipolar Moment. Foreign Affairs*, v.70, n.5, Winter 1990/91. – no qual argumenta sobre a ausência de rivais à hegemonia norte-americana no início dos anos 1990.

¹⁰ Ler BERMAN, Paul. *Terror and Liberalism*. New York: W.W Norton & Company, 2004. e BERMAN, Paul. *The Flight of the Intellectuals*. New York: Melville House, 2010.

¹¹ Kagan é professor de História na Georgetown University e intelectual identificado com o movimento neoconservador. Ficou particularmente conhecido com a publicação de seu livro *Do Paraíso e do Poder* (Rio de Janeiro, Rocco, 2003), no qual estabelece um estudo comparativo entre a evolução do sistema defensivo dos EUA e da Europa no pós-guerra.

¹² Trata-se de um intelectual de grande proeminência na esquerda norte-americana. Walzer é especialmente lembrado por seu célebre trabalho sobre a doutrina filosófica da Guerra Justa. Ver WALZER, Michael, *Just and Unjust Wars*. 2006. New York: Basic Books.

discurso da esquerda universitária e do movimento pacifista, no pós-11 de Setembro. A esquerda norte-americana, de certa forma, já estava habituada aos vaticínios de intelectuais neoconservadores, como William Kristol¹³. Inusitado seria ter que confrontar Christopher Hitchens¹⁴, trotskista de formação e dos mais temido intelectuais *enragés* de sua geração.

Ao mesmo tempo em que ocorriam disputas de legitimação de discurso na esquerda, havia, pouco a pouco, a aparição do produto final de uma revolução intelectual gestada há décadas na direita norte-americana: o neoconservadorismo. Se entre liberais e demais esquerdistas notava-se uma miríade de argumentos, nas hostes neoconservadoras, ao menos na geração da década de 1990, havia uma formulação razoavelmente homogênea. Observavam-se algumas premissas coerentes com a historicidade do movimento e afinadas sob um mesmo diapasão retórico.

A pergunta que pairava era: em que medida as formulações liberais – a respeito da Guerra do Iraque – convergiam e divergiam das neoconservadoras?

O fato é que, a partir do 11 de Setembro, a esquerda norte-americana se lançou numa disputa fratricida, ainda que discreta e relativamente pouco comentada. Os atentados terroristas não suscitaram somente debates a respeito das questões de guerra e paz. O que pudemos perceber foi o início da discussão – e por que não dizer *revisão*? – do papel do intelectual no debate público. Isto é, observávamos intelectuais a formular ensaios e argumentos sobre o papel da moral no Estado moderno. Outros tantos se punham a elaborar formulações a respeito do conceito agostiniano de Guerra Justa¹⁵. A noção westphaliana¹⁶ de *soberania* – frequentemente desafiada nos anos Clinton pelo conceito de *nation building*¹⁷ – foi, uma vez mais, colocada à prova, com a política

¹³ Filho de Irving Kristol (1920-2009) – o mentor intelectual do neoconservadorismo – e fundador da revista política *The Weekly Standard*. William Kristol se notabilizou como um dos mais ardorosos proponentes da mudança de regime no Iraque ainda durante a administração Clinton.

¹⁴ Hitchens é reconhecido como um dos intelectuais públicos de maior expressão do Ocidente. É jornalista, crítico literário, comentarista político e polemista prolífico. Trotskista de formação ganhou notoriedade depois de suas contundentes investidas intelectuais contra figuras díspares como Madre Teresa e Henry Kissinger.

¹⁵ Para uma perspectiva histórica da utilização do conceito de Guerra Justa, ler não somente o livro de Walzer, mas também o interessante trabalho de Darrel Cole – professor de religião na Drew University – intitulado *When God Says War is Right*. Colorado: Water Brook, 2003.

¹⁶ Refiro-me aqui à chamada Paz de Westphalia, evento subsequente à Guerra dos 30 Anos que inaugurou o sistema moderno de Estado Nacional, no século XVII.

¹⁷ Ver as inúmeras incursões da administração Clinton em territórios como Somália, Haiti e sua atuação

externa norte-americana adotada para o Afeganistão e Iraque, no pós-11 de Setembro. Algumas analogias históricas e mitos fundadores emergiram de forma recorrente no debate público. Se por um lado a alusão à Pearl Harbor era – podemos nos arriscar a dizer – de certo modo previsível, o frequente uso do imaginário associado à Guerra Civil se configura numa intrigante questão a ser desvendada.

Mais do que a busca pela definição do papel do intelectual nos EUA, o esforço empreendido será no sentido de compreender o papel do intelectual *de esquerda* naquele país. O mesmo irá ocorrer em relação à chamada “revolução neoconservadora” – e às disputas ocorridas na direita política. O que estava em jogo, neste caso, era o papel a ser desempenhado pelo intelectual *de direita* nos EUA – e, claro, quem teria a legitimidade para exercê-lo. Se havia uma razoável afinação de discurso entre neoconservadores, devemos lembrar que suas posições, longe de passarem incólumes, foram muito questionadas pelos diversos segmentos do conservadorismo norte-americano. Basta recordarmos, por exemplo, de Claes G. Ryn, em seu artigo para a *The American Conservative*, referindo-se ao presidente George W. Bush como “nacionalista jacobino”¹⁸. Os neocons são odiados pelos conservadores, ou parte deles, há tempos. Essas controvérsias datam pelo menos do governo Reagan¹⁹.

Sobre a esquerda norte-americana, no entanto, cabe aqui um esclarecimento. Podemos afirmar que ela teve uma genealogia e trajetória política – refiro-me aqui tanto ao debate público levado a cabo por intelectuais quanto ao *modus operandi* político-partidário de seus representantes – sumamente singular. Podemos pensar agora, por exemplo, na relativa impermeabilidade de seus intelectuais à literatura canônica

nas Guerras dos Bálcãs – observar principalmente toda a retórica empregada para justificar as citadas ações diplomáticas.

¹⁸ Ryn, Claes G. Jacobin in Chief. 11 de abril de 2005.

Disponível em: <http://amconmag.com/article/2005/apr/11/00011/>

Acesso em: 07 de Setembro de 2010.

¹⁹ Para compreendermos melhor controvérsias como essas, o estudo clássico de Nash continua sendo essencial: NASH, George H. *The Conservative Intellectual Movement in America since 1945*. New York: Basic Books, 1979. Há também a diatribe pessoal de Buchanan, que atesta bem o choque geracional entre os conservadores americanos: BUCHANAN, Patrick J. *Where The Right Went Wrong*. New York: St. Martin's Griffin, 2005. Também é interessante ler as críticas dirigidas ao neoconservadorismo, feitas por Justin Raimondo: RAIMONDO, Justin. *Reclaiming the American Right: The Lost Legacy of the Conservative Movement*. Wilmington: ISI Books, 2008.

marxista²⁰. Compare-se, por exemplo, os discursos dos intelectuais públicos da França – durante a década de 1960²¹ – ao dos intelectuais dos EUA, no mesmo período.

Se quisermos examinar as especificidades dos diversos discursos políticos engendrados na esquerda norte-americana, é imperativo que se estabeleça um estudo detido de seu desenvolvimento histórico, ao longo do século XX.

Analisaremos, sobretudo, um segmento específico da esquerda política dos EUA: os liberais²².

Trata-se de um grupamento interessante, sobretudo porque parte considerável do anticomunismo presente nas diversas culturas políticas²³ dos EUA partiu – ao contrário do que afirma o senso comum – não somente dos círculos conservadores, mas, sobretudo, das hostes liberais. Isto é, a ideia de disputas fratricidas ocorrendo no seio da esquerda norte-americana não é exatamente nova. Entretanto, creio que do ponto de vista metodológico será interessante colocar em perspectiva histórica as idas e vindas, os avanços e recuos, do discurso produzido pelos liberais americanos.

Como já mencionado, caracterizo aqui o liberalismo norte-americano como um dos diversos segmentos da esquerda política daquele país. No entanto, é imperativo que se lance um pouco mais de luz sob aspectos históricos e culturais daquilo que Louis Hartz chamou, em sua obra clássica de 1955²⁴, de “*the liberal tradition*”. Há, inclusive, uma asserção curiosa, enunciada por Hartz, quando ele discorre a respeito da política americana:

Here is a Lockian doctrine which in the West as a whole is the symbol of rationalism, yet in America the devotion to it has been so irrational that it has not even been recognized for what it is: liberalism. There has never been a “liberal movement” or a real “liberal party” in America: we have only

²⁰ Esta “impermeabilidade” pode ser relativizada com a emergência da Nova Esquerda, na década de 1960. Mas, ainda assim, não é comparável, por exemplo, à influência marxista observada na esquerda de países europeus como França e Itália.

²¹ É instrutivo, neste sentido, ler JUDT, Tony. *Passado Imperfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

²² Aqui o que nos interessa é o estudo da evolução histórica do liberalismo norte-americano ao longo do século XX, que será feito adiante.

²³ Trata-se de uma expressão demasiado polissêmica, é verdade. Todavia, para fins do presente estudo, utilizo a significação adotada por Rodrigo Patto Sá Motta. Segundo ele: “Uma definição adequada para cultura política (...) poderia ser: conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.” (MOTTA, Rodrigo Patto Sá, 2009, p.21)

²⁴ HARTZ, Louis. *The Liberal Tradition in America*. New York: A Harvest Book, 1955.

had the American Way of Life, a nationalist articulation of Locke which usually does not know that Locke himself is involved (...) (HARTZ, 1955, p. 10-11)

Ainda que a perspectiva de Hartz seja instigante – sobretudo por abordar o liberalismo norte-americano não como um “ismo” qualquer; isto é, não como mais um conjunto de premissas constituintes de um todo filosófico, mas sim como a manifestação de um traço cultural, Hartz chega, por exemplo, a lançar mão da expressão “*irrational Lockianism*” – talvez seja mais interessante devotarmos atenção à tentativa de outro intelectual em articular uma definição algo mais precisa e minuciosa do liberalismo norte-americano. Irving Howe²⁵, por exemplo, em artigo publicado no final da década de 1970 na *Dissent Magazine* e posteriormente republicado na antologia *The New York Intellectuals Reader*, editada por Neil Jumonville, procurou demonstrar alguns pontos de contato entre a agenda política de socialistas e liberais. Neste particular, é imperativo notar que Howe é taxativo a respeito de quem seriam os socialistas:

Socialists, who are they?(...) I shall choose here to signify as socialist those thinkers and spokesmen who cannot be faulted as tender toward authoritarian regimes: I shall exclude Communists, Maoists, Castroites, as well as their hybrids, cousins and reticent wooers. (HOWE, 2007, p. 372)

Quanto à definição utilizada por Howe, ela a um só tempo nos fornece uma chave para compreendermos sua visão pessoal de mundo, como também diz respeito à compreensão da política por um quinhão significativo da esquerda norte-americana daquela época. Isso fica patente se voltarmos aos argumentos de Hartz. Ele demonstra, por exemplo, que o elemento definidor do cisma entre as diversas correntes de esquerda nos Estados Unidos foi o *New Deal* promovido pela presidência de Roosevelt. Hartz afirma:

²⁵ Howe foi uma das figuras de proa da *intelligentsia* liberal norte-americana: crítico literário, ativista político e criador da *Dissent Magazine* – ocupará papel central na presente pesquisa. Ver ALEXANDER, Edward. *Irving Howe: Socialist, Critic, Jew*. New York: Indiana University Press, 1998.

If the Great Depression of the thirties suggested anything, it was that the failure of socialism in America stemmed from the ideologic power of the national irrational liberalism rather than from economic circumstance. For however “objective” the conditions for the Marxian apocalypse now became, what emerged to deal with the economic problem was a movement within the framework of the liberal faith, or in other words, a movement belonged to the genre of Western Liberal Reform. What emerged was a movement, familiar now for fifty years in Western politics, which sought to extend the sphere of the state and at the same time retain the basic principles of Locke (...)
(HARTZ, 1955, p. 259)

Segundo Hartz, parte substancial do Partido Republicano se apressou a denunciar a suposta “*non-Lockian nature of much of the New Deal*”. Todavia a questão é que, ainda segundo Hartz:

The experimental mood of Roosevelt, in which Locke goes underground while “problems” are solved often in a non-Lockian way, wins out persistently. And who will deny that this, even more than the isolation of socialism, is a tribute to the irrational liberal faith of America? (HARTZ, 1955, p. 260)

Roosevelt adotava então uma interessante estratégia retórica para se defender de seus críticos de direita. Ao escutar o suposto caráter não-americano e pouco liberal, de suas políticas públicas, relembra que o seu “radicalismo” consistia no que chamou de “*bold and persistent experimentation*” – o que, segundo ele, estava completamente em consonância com uma das tradições mais longevas da América. Roosevelt argumentava que “bons americanos”; como Edison, Alexander Graham Bell, e os próprios pioneiros, haviam sido “experimentadores” também. (HARTZ, 1955, p. 263)

Em uma de suas precisas definições, Roosevelt sintetizou o escopo intelectual do que seria o seu liberalismo – e, claro, do que seriam as bases filosóficas de tantos outros liberais: “*we have to go beyond Locke but not as far as Marx*”. (HARTZ, 1955, p. 262) Estava claro, portanto, que começava a ganhar contornos mais concretos um novo tipo de liberalismo – um que havia sido decisivamente influenciado por fatores conjunturais (a Grande Depressão e sua resposta política: o *New Deal*) e que, como consequência, adquiria feições tipicamente americanas. A alternativa marxista – que acabou reverberando com intensidade muito superior na Europa, por exemplo – acabou por perder força e influência em detrimento à alternativa liberal incentivada pelo *New Deal*. Hartz explicita:

The young men who in Europe become socialists and communists in America for the most part become New Dealers. Liberal Reform here has all of the youth and energy that Marxism has across the Atlantic. (HARTZ, 1955, p. 261)

A trajetória de parte significativa da esquerda norte-americana se traduziu no que Philip Rahv chamou pejorativamente de “*embourgeoisement*” da intelectualidade.

Convém, no entanto, voltarmos à argumentação de Howe – ele próprio uma ilustração do que Hartz e Rahv argumentavam: primeiro um socialista, em seguida um “socialista democrático” e, por fim, um intelectual liberal.

Howe, como dizíamos, em seu artigo “*Socialism and Liberalism: Articles of Conciliation?* (1977)”, propunha uma definição do liberalismo norte-americano através de momentos distintos.

Em primeiro lugar, ele caracteriza o que conhecemos hoje como “liberalismo clássico”. Isto é, “os movimentos e correntes de opiniões que emergiram no final do século XVIII, especialmente na Europa, que advogavam modos de governos nos quais os comportamentos econômicos e políticos dos indivíduos seriam sujeitos ao mínimo de regulação possível”. Ainda segundo Howe:

Social life came to be seen as a field in which an equilibrium of desired goods could be realized if individuals were left free to pursue their interests.
(HOWE, 2007, p. 373)

Em segundo lugar, Howe afirma que o liberalismo, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, foi identificado com o conjunto de liberdades especificadas na U.S. Bill of Rights. Isto é, dizia respeito ao comprometimento com as chamadas “liberdades formais” – de expressão, de imprensa, de reunião, etc.

Em terceiro lugar, Howe descreve a acepção de liberalismo que mais nos interessa no presente trabalho. Trata-se aqui dos movimentos de reforma social surgidos no século XX, na América e na Europa, que procuravam “humanizar” a sociedade capitalista-industrial sem ter que lançar mão de medidas socialistas radicais, e que, para tanto, recorriam ao *welfare state*.

Em quarto lugar, Howe argumenta a respeito da herança Protestante do liberalismo, bem como de certo pendor para o que ele chama de “absolutismo moral” e “utopismo”. Segundo ele:

When liberalism as a distinctive modern politics or self-designated ideological current begins to emerge in America – first through the high-minded reforming individualism of Edward Godkin, editor of the Nation during the 1880s and 1890s, and then through the social-nationalist progressivism of Herbert Croly, editor of the New Republic when it was

founded in 1914 – it becomes clear that it cannot escape a heritage of native individualism, utopianism, and “conscience-politics”. Nor can it escape the paradisaical vision that is deeply lodged in the American imagination, going back to Emerson and Thoreau, and further back, perhaps, to the Puritans. Nor can it escape a heritage of Protestant self-scrutiny, self-reliance, and self-salvation. Consequently American liberalism has a strand of deep if implicit hostility to politics per se – a powerful kind of moral absolutism, a celebration of conscience above community, which forms both its glory and its curse. . (HOWE, 2007, p. 373-374)

É interessante que Howe se preocupa em citar o surgimento da *Nation*, no final do século XIX, e da *New Republic*, no início do XX, quando discorre sobre o liberalismo norte-americano, mas curiosamente não menciona a *Dissent Magazine*, criada por ele próprio em 1954.

Por fim, ele lança neste artigo uma argumentação simetricamente oposta à utilizada por Louis Hartz, em seu “*The Liberal Tradition in America*”. Enquanto Hartz afirma que o liberalismo norte-americano não representa um “ismo” qualquer – lembremos agora de sua suposição de que há algo como um “*irrational Lockianism*” a emanar da América –, Howe irá contrariá-lo e dizer que o liberalismo representa sim uma *weltanschauung* (visão de mundo). Segundo ele:

Despite some recent attempts to render it profound through a gloomy chiaroscuro, liberalism has customarily been an expression of that view of man which stresses rationality, good nature, optimism, and even “perfectibility” (whatever that may mean). Whether or not there is a necessary clash between the Christian and liberal views of man, and despite some strains of continuity that may coexist with the differences, there can hardly be any question that historically, in its effort to gain its own space, liberalism has emerged as a competitor to traditional religious outlooks. (HOWE, 2007, p.374)

A esta assertiva de Howe, podemos recorrer às ideias expostas por Mary Sperling McAuliffe, em seu “*Crisis on the Left: Cold War Politics and American Liberals, 1947-1954*”, publicado em 1978. Também segundo ela, não havia incompatibilidade entre uma visão positiva da natureza humana (algo tradicionalmente associado a uma matriz de pensamento liberal) e uma visão negativa da natureza humana (de matriz cristã, particularmente agostiniana). Para ilustrar este argumento, McAuliffe recorria, entre outros, ao nome de Reinhold Niebuhr. Segundo ela:

He maintained that he had chosen a middle way between cynical realism, which he equated with totalitarianism, and naïve idealism, which he characterized as susceptible to the “subtler types of coercion.” He stresses

that he had chosen a middle way between complacency and the kind of idealistic activity which ignored history's inherent tragedy and turned passive and despairing when confronted with reality. (MCAULIFFE, 1978, p.65-66)

No tocante ao anticomunismo, cabe salientarmos as diferenças observadas entre a versão liberal e a conservadora. Como Fukuyama nos recorda, esta última se caracterizava por se opor ao comunismo porque “ele era ateu, ligado a uma potência estrangeira hostil e contrário ao livre mercado”. Já os liberais simpatizavam com as causas do comunismo e socialismo, porém, durante as décadas de 1930 e 1940, compreenderam as consequências nefastas do “socialismo real” e adotaram um tom cético em relação às iniciativas do Estado que fossem percebidas como “projetos de engenharia social”. (FUKUYAMA, 2006, p. 27-28) É analisando este “anticomunismo liberal” que entenderemos parte significativa das bases históricas do surgimento do neoconservadorismo nos EUA. Como Alan M. Wald já havia afirmado:

“Thus there is a real continuity between Cold War liberalism and neoconservatism, both of which aspired to defend the same political system by different tactical means.” (WALD, 1987, p.352)

Para compreendermos a emergência de um anticomunismo de matriz liberal, é imperativo que observemos o contexto histórico e político do período pós-guerra nos Estados Unidos.

Durante a presidência Truman se intensificava cada vez mais a histeria anticomunista propalada pelos conservadores. Temendo a crescente reverberação na sociedade do medo e suspeição provocados por figuras como o senador Joseph McCarthy – que em momento de rara criatividade chegou a acusar o Secretário de Estado de Truman, Dean Acheson, de possuir “laços estreitos com o Kremlin” – os liberais decidiram adotar uma nova estratégia política: tecer um discurso factível o bastante para a sociedade americana de que não possuíam nenhum tipo de convergência ideológica com os comunistas. Alguns liberais acreditavam que o modo mais eficaz de se levar a cabo esta estratégia seria criando então sua própria versão de anticomunismo. Alexander Bloom nos recorda do plano de ação iniciado pelos liberais:

Before the details of their anticommunism could be developed, [they] had to establish firmly several basic positions. They had, first, to reiterate their own anticommunism and, second, to define precisely the “true” Communist

threat. Finally, they had to make clear that unless an alternative anticommunism grew, liberals would be swept away with the Communists by the reactionary forces caring little about distinctions between moderate and leftist groups. (BLOOM, 1986, p.211)

Em suma, Alexander Bloom nos dá uma síntese do principal objetivo do anticomunismo liberal:

(...) anti-Communists felt they could rescue the “good name” of intellectuals from the assaults of the reactionary right. The removal of Communists from the liberal-intellectual orbit provided protection for the remaining liberals without denying anticommunism its major target.” (BLOOM, 1986, p.224)

Para compreendermos a emergência da primeira geração de neoconservadores, é imperativo voltarmos ao grupo de intelectuais judeus que estudou no *City College of New York (CCNY)*²⁶, na segunda metade da década de 1930 e no início da década de 1940. Alguns dos nomes que se tornariam dos mais notáveis no debate público norte-americano compunham este grupo: Irving Kristol, Irving Howe, Daniell Bell e Nathan Glazer. Um ponto de interseção observável entre eles era a presença de um forte anticomunismo de matriz liberal. Kristol por exemplo chegou a afirmar, ainda na década de 1950, que: “If American liberalism is not willing to discriminate between its achievements and its sins, it only disarms itself before Senator McCarthy, who is eager to have it appear that its achievements *are* its sins.”²⁷

Mas se havia o anticomunismo como elemento comum, outros tantos traços distintivos acabaram por direcioná-los a pontos ideológicos diversos. Fukuyama assinala: “Enquanto Kristol adotou a Revolução de Reagan e tornou-se um republicano, Bell e Glazer foram mais centristas e menos partidários”. Quanto a Irving Howe, continuou comprometido com aquilo que chamava de “socialismo democrático” – continuou crítico tanto do totalitarismo soviético quanto da “caça às bruxas” promovida pelo macarthismo. Howe, no início da década de 1950, viria a criar um dos nossos

²⁶ Por se tratar de descendentes de imigrantes, de origem proletária, universidades como Columbia e Harvard estavam praticamente vedadas a eles.

²⁷ Citado em BLOOM, Alexander. *Prodigal Sons: The New York Intellectuals and Their World*. New York: Oxford University Press, 1987.

objetos de estudo: a *Dissent Magazine* – uma das revistas de esquerda de maior relevo nos EUA. (FUKUYAMA, 2006, p. 27-28)

A *Dissent Magazine* foi fundada em 1954, por intelectuais de esquerda que tinham como objetivo se opor aos totalitarismos²⁸ que constituíam ameaça aos princípios democráticos e liberais. Não é portanto de se estranhar que, logo no início de sua existência, tenha publicado artigos de Hannah Arendt e Aleksandr Solzhenitsyn²⁹ – ambos intelectuais que se opuseram violentamente ao regime stalinista.

Mitchell Cohen, membro do corpo editorial da revista, escreveu a respeito da composição ideológica da *Dissent Magazine*, na edição do inverno de 2004³⁰. Segundo ele, há que se evitar o uso da expressão “*the Dissent left*”, uma vez que não havia, e não há, muitos pontos de interseção entre os membros da referida revista. Segundo Cohen, um dos poucos elementos comuns entre os membros fundadores da *Dissent* foi o impulso inicial de dissenso contra “*the Two Josephs (Stalin and McCarthy³¹)*”. O inimigo a ser combatido não estava circunscrito ao simétrico oposto ideológico dos colaboradores da *Dissent*, portanto. Estava claro que, muitas vezes, o antagonista estaria nas próprias fileiras da esquerda.

Por um lado, a revista nascia sob a sombra da Guerra Fria e, inequivocamente, se posicionava como um *bunker* da esquerda norte-americana. Por outro, procurava demonstrar o seu repúdio à esquerda antidemocrática – plasmada inicialmente no terror soviético stalinista e, posteriormente, nas formas mais radicais de militância adotadas por setores da *New Left*³², na década de 1960. Alan M. Wald nos recorda de uma

²⁸ Poucas expressões no século XX foram dotadas de definições tão diversas. É certo que uma das significações que mais obteve reverberação foi a de Arendt. Ver ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Também é interessante ler o capítulo 11 de BLOOM, Alexander. *Prodigal Sons: The New York Intellectuals and Their World*. New York: Oxford University Press, 1987 – que aborda o “totalitarismo” como uma categoria analítica e retórica forjada pelo anticomunismo liberal. Segundo Bloom, a equiparação entre stalinismo e nazismo visava galvanizar a opinião pública norte-americana em torno deste projeto político liberal e persuadi-la a combater seu inimigo de turno: a ameaça comunista.

²⁹ Escritor russo e dissidente político. Ganhou notoriedade no Ocidente ao escrever “*Arquipélago Gulag*”, uma denúncia a respeito dos campos de trabalhos forçados existentes na União Soviética.

³⁰ A *Dissent Magazine* é uma revista trimestral, com uma edição a cada estação do ano.

³¹ Trata-se do senador republicano que comandou o Comitê de Investigações de Atividades Antiamericanas, durante os anos 1950. McCarthy protagonizou o período histórico conhecido como “caça às bruxas”. Tratava-se da perseguição de supostos agentes comunistas que estariam infiltrados nos mais diversos segmentos da sociedade americana.

³² A *New Left* foi a geração da esquerda norte-americana – surgida na década de 1960 e identificada com o movimento estudantil – que adotou inicialmente um caráter reformista e afinou-se com um ideário

analogia não muito diferente, feita por Norman Podhoretz – intelectual judeu que juntamente com Irving Kristol foi um dos principais mentores intelectuais do movimento neoconservador – em seu livro *Breaking Ranks: A Political Memoir*. Segundo Wald:

The central idea that emerges from Braking Ranks, Podhoretz's testament of deradicalization, is that the New Left of the 1960s was analogous to the Stalinism of the 1930s; thus by renouncing the New Left, Podhoretz is repeating the same heroic action of this predecessors who forged the anti-Stalinism left during the Great Depression decade. (WALD, 1987, p.356)

Mas voltando a Mitchell Cohen, ele nos lembra também a confluência de setores da esquerda que compunham o time inicial de colaboradores da *Dissent Magazine*. Segundo ele, parte considerável dos membros fundadores costumava se autodenominar “*democratic socialists*” – Cohen assinala que ainda hoje alguns membros se denominam dessa forma. No entanto, algumas outras classificações políticas eram – e ainda são, na verdade – abrigadas sob o guarda-chuva editorial da *Dissent*. As classificações variavam segundo a percepção de cada colaborador a respeito de sua própria filiação política. Algumas das mais frequentes eram: “*liberal socialists*”, “*social democrats*”, “*social liberals*” e “*liberal left*”. Daniel Bell, em seu clássico “O Fim da Ideologia”, publicado em 1960, tem um argumento interessante a respeito do ambiente intelectual no qual foi gestada a *Dissent Magazine*. Segundo ele, o ambiente econômico de afluência criado por Roosevelt e Truman condicionou o radicalismo da esquerda norte-americana a assumir uma feição um tanto mais moderada que o de sua versão européia. Segundo Bell:

Não se trata apenas do fato de que os Estados Unidos se tornaram uma sociedade afluyente, oferecendo aos radicais de outrora empregos (nas universidades e nas editoras) e prestígio (se não na sociedade como um todo, certamente nas universidades e editoras). (...) Esse fato, e um outro também – o de que a sociedade norte-americana, graças às modificações introduzidas por Roosevelt e Truman, escapou às profecias marxistas de “fascismo e colapso” – explicam em boa parte a diferença em atmosfera intelectual entre os dois continentes. (BELL, 1960, p.249)

de não-violência. Considerava exagerado o anticomunismo presente nos liberais norte-americanos e engajou-se tanto em questões domésticas, relativas aos direitos civis, quanto em questões internacionais – não raro adotando um tom de entusiasmada simpatia pelas revoluções antiimperialistas e anticoloniais que ocorriam no Terceiro Mundo. Para um balanço historiográfico desta esquerda, ler SOUSA, Rodrigo Farias de. *A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

Os arquivos da *Dissent Magazine* nos fornecem pistas interessantes a respeito das questões acima mencionadas. Ainda que possamos afirmar que a *Dissent* é uma revista de esquerda, podemos igualmente afirmar que não há qualquer linha editorial previamente definida. Isto é, frequentemente lemos um argumento de matriz liberal em um artigo para, logo em seguida, ler uma refutação virulenta escrita por um autor social-democrata. É o pluralismo político – traduzido nos inúmeros matizes de esquerda, bem entendido – que dá o tom de cada edição. Essa miríade de formulações intelectuais acaba por se refletir na diversidade de assuntos abordados pela revista: economia, globalização, questões de gênero e raça e política externa.

Analisaremos também os arquivos – estudos, projetos e memorandos – do *Project for the New American Century* (PNAC). Trata-se do *think tank* neoconservador, fundado por Robert Kagan e William Kristol em 1997 e extinto em 2006, que foi apontado inúmeras vezes como tendo sido o principal responsável pelo direcionamento da política externa da administração George W. Bush para o Oriente Médio, sobretudo no que diz respeito à Guerra do Iraque. Algumas das proposições do PNAC eram: “promover a liderança norte-americana em nível global”, “apoiar uma política de fortalecimento militar espelhada na Era Reagan” e sempre buscar aquilo que seus membros se referiam como “clareza moral”. Isto é, não adotar um tom de ambiguidade ao lidar com os “inimigos da América”. O objetivo desta pesquisa é elucidar uma pergunta específica e encontrar argumentos satisfatórios para outras questões tangenciais, mas não menos prementes. Quanto às questões tangenciais, poderíamos enumerá-las da maneira que se segue:

(i) Por que alguns intelectuais liberais anuíram com a guerra de 2003?

(ii) No que diz respeito às questões internacionais, liberais pró-guerra e neoconservadores constituem grupos homogêneos, monolíticos, ou divisões internas são discerníveis em ambos? Em caso afirmativo, no que consistem essas divisões?

(iii) O apoio prestado por liberais a determinadas guerras conduzidas pelos EUA não é algo sem precedentes históricos. Eles, na verdade, foram os responsáveis pela entrada dos EUA nas duas Grandes Guerras³³ do século passado. A Guerra do Iraque é

³³ Woodrow Wilson na Grande Guerra e FDR na Segunda Guerra Mundial.

análoga historicamente a algum desses episódios? Qual a medida de ineditismo deste fenômeno?

Já em relação à pergunta específica, poderíamos formulá-la da seguinte forma: no que concerne à Guerra do Iraque, quais são as afinidades e diferenças retóricas observadas entre liberais pró-guerra e neoconservadores? Esta questão será o eixo da pesquisa que estou desenvolvendo.

Já que sistemas filosóficos invariavelmente possuem uma genealogia intelectual identificável, é possível buscarmos as raízes dos argumentos dos liberais pró-guerra e neoconservadores. Para compreendermos seus discursos, será necessário um ponto de partida metodológico. Isto é, para o presente estudo ser desenvolvido de modo satisfatório, será interessante nos valeremos de uma hipótese de investigação. A hipótese aqui apresentada é a seguinte: houve uma pronunciada influência intelectual de matriz wilsoniana³⁴ na argumentação empregada por liberais pró-guerra e neoconservadores. Basta identificar os elementos que a caracterizam e operar uma busca destes mesmos elementos na argumentação dos intelectuais que são objeto do presente estudo.

É importante ainda destacar os principais motivadores da presente pesquisa. O interesse pelo tema surgiu da conjunção de um tanto de curiosidade intelectual com outro tanto de dificuldade em acompanhar satisfatoriamente os debates políticos norte-americanos através da imprensa pátria. Para aqueles familiarizados com a arquitetura política norte-americana, sempre foram patentes as imprecisões – e eventuais incorreções – da imprensa brasileira ou mesmo de certo segmento da academia – a respeito dos fatos políticos ocorridos nos EUA. Tomemos como exemplo a Guerra do Iraque. Era frequente analistas se referirem – na verdade trata-se de um expediente ainda bem comum – à guerra de 2003 como uma guerra da “direita norte-americana”. A pergunta que paira, no entanto, toda vez que alguém se refere desse modo à guerra, é:

³⁴ Utilizo aqui a definição de Mead. Isto é, trata-se da tradição liberal de política externa norte-americana que reflete os anseios daqueles que acham que os EUA possuem o imperativo *moral* de se ocupar do bem-estar dos diversos povos ao redor do globo. Os wilsonianos creem também que democracias são intrinsecamente mais pacíficas que regimes de caráter autoritário. Torna-se mandatário, portanto, segundo eles, incentivar a adoção do regime democrático por parte dos demais Estados do sistema internacional. Para uma análise apurada da tradição wilsoniana, ler MEAD, Walter Russel. *Uma Orientação Especial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2006. Ainda que a expressão não seja utilizada por Mead, há que se notar a semelhança conceitual entre o wilsonianismo descrito por ele e a definição de cultura política empregada por Rodrigo Patto Sá Motta. Optei, portanto, por abordar metodologicamente o wilsonianismo como uma das culturas políticas existentes no cenário político-cultural norte-americano.

afinal, de que direita estamos falando? Sim, porque quando utilizamos analiticamente uma expressão como esta, há uma significação que deveria ser explícita para o nosso interlocutor. O que frequentemente ocorre, entretanto, é algo bem diverso. Do ponto de vista teórico, é como se utilizássemos uma terminologia suspensa no éter – ignoramos sua dimensão cultural e sua historicidade própria – apenas para conseguir este ou aquele efeito retórico. Mas se o efeito retórico é obtido, a precisão teórica acaba por ser sacrificada. É frequente a tentativa de cobrir com um véu de homogeneidade grupos díspares como neoconservadores – em geral judeus cosmopolitas com um passado de esquerda, como Irving Kristol – e segmentos mais tradicionais da direita norte-americana – com forte viés nativista e isolacionista, como Patrick J. Buchanan³⁵. Se há uma diferença tão pronunciada entre esses agrupamentos políticos, por que tratá-los como um bloco monolítico³⁶?

Se a direita política é rica em especificidades e contradições, o mesmo se pode afirmar da esquerda. Afinal, como compreender as racionalizações de Walzer, Berman, Cohen³⁷ e Hitchens? Como explicar a anuência de José Ramos-Horta³⁸, por exemplo, com a guerra de 2003? Notei que em um dado momento havia uma profusão de indagações para as quais não encontrava qualquer ensaio de resposta.

O mais inusitado era notar a aparição de um cisma na esquerda e direita dos EUA e não haver uma repercussão consonante com o que estava ocorrendo. Diversos intelectuais – de ambos os lados do espectro político – se lançavam em calorosos debates a respeito da justificativa e viabilidade das guerras no Oriente Médio e não havia uma repercussão midiática à altura. Se essa afirmação é válida para a imprensa

³⁵ Buchanan é um intelectual conservador católico, quadro histórico do Partido Republicano. Já trabalhou como *senior adviser* dos presidentes Nixon, Ford e Reagan. Possui visões pouco afinadas com as idéias de promoção de democracia expressas nas hostes neoconservadoras. Dois livros seus serão especialmente úteis neste estudo: BUCHANAN, Patrick J. *A Republic Not an Empire*. Washington: Regnery Press, 2002. e BUCHANAN, Patrick J. *Where The Right Went Wrong*. New York: St. Martin's Griffin, 2005.

³⁶ Para conhecer a profusão de opiniões diferentes a respeito da guerra no Iraque, emanadas da direita política, ler ROSEN, Gary (ed.). *The Right War?* USA: Cambridge University Press, 2005.

³⁷ Cohen é um jornalista inglês que escreve regularmente no *The Observer*. Até meados de 2003 era identificado com a esquerda política, porém ganhou notoriedade ao apoiar entusiasticamente a intervenção no Iraque. Para compreender em que bases isso se deu, ler: COHEN, Nick. *What's Left? How Liberals Lost Their Way*. Great Britain: Harper Perennial, 2007.

³⁸ Para entender como alguém identificado com as lutas de independência do Timor Leste e ganhador do Nobel da Paz conseguiu articular uma argumentação pró-Guerra do Iraque, é instrutivo ler seu artigo publicado na antologia CUSHMAN, Thomas. (ed.) *A Matter of Principle: Humanitarian Arguments for War in Iraq*. USA: University of California Press, 2005.

norte-americana, de modo geral, é mais válida ainda para a imprensa brasileira. O único caso que ganhou alguma notoriedade – em se tratando de uma disputa entre esquerdistas – foi o episódio Christopher Hitchens versus *The Nation*.³⁹ E, ainda assim, parte substancial dessa notoriedade deveu-se mais à persona de *enfant terrible* de Hitchens do que ao real interesse na compreensão do fenômeno propriamente dito. Na verdade, a disputa entre Christopher Hitchens e seus antigos colegas da *The Nation* me chamou a atenção para outro aspecto do problema. A pergunta que lentamente se formava era: será que embates intelectuais dessa natureza estão ocorrendo em outro lugar? E, mais do que isso, será que eles estão ocorrendo com outra *intensidade*? Ao começar a ler algumas colunas de opinião publicadas nas edições da *Dissent Magazine*, no período posterior à Guerra do Iraque, descobri que a resposta para minha indagação era positiva.

O mesmo ocorria quando lia proposições de intelectuais neoconservadores do PNAC – parte considerável também escrevia para *The Weekly Standard* – e depois lia réplicas aos seus argumentos, escritas por outros conservadores, que variavam do ceticismo de Kissinger⁴⁰ à oposição assertiva de William Buckley⁴¹, em sua *National Review*. Não só estavam ocorrendo discussões virulentas entre intelectuais de esquerda e direita, a respeito da guerra, mas também a variedade retórica empregada – tanto para defendê-la quanto para atacá-la – era surpreendentemente vasta. Bastava tentar compreender em que termos essa discussão havia se estabelecido. E, se possível, tentar discernir padrões argumentativos de ambos os lados. Qual não foi minha surpresa ao notar que poucas pessoas haviam notado a relevância do embate que estava sendo travado.

³⁹Trata-se do embate de Christopher Hitchens com seus colegas da *The Nation* – a respeito dos atentados de 11 de Setembro. O episódio culminou com a saída do jornalista inglês da revista.

⁴⁰ Ler a transcrição da entrevista de Henry Kissinger concedida a Andrew Marr, da BBC News.

BBC Sunday AM. US Policy in Iraq. 19 de novembro de 2006.

Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/sunday_am/6163050.stm

Acesso em: 12 de Setembro de 2010.

⁴¹Ver a entrevista de William Buckley à CBS News, por exemplo.

CLARK, Amy S. Buckley: Bush Not A True Conservative. 22 de julho de 2006.

Disponível em: <http://www.cbsnews.com/stories/2006/07/22/eveningnews/main1826838.shtml>

Acesso em: 12 de Setembro de 2010.

Inicialmente empreendi uma busca por bibliografia em língua portuguesa. Constatei, no entanto, que havia pouco material a ser utilizado. Não só obras canônicas a respeito do liberalismo e neoconservadorismo nos EUA não haviam sido traduzidas, como parecia haver um número muito reduzido de autores pátrios que se interessaram pelo tema.

Ainda que rejeitemos a *obsessão pelo ineditismo* – uma das mais antigas armadilhas intelectuais – há que se notar a relevância em se ocupar de um campo pouco explorado. O trabalho justifica-se, ainda, sob outros aspectos.

Em primeiro lugar, porque não podemos deixar de notar as inúmeras significações dissonantes da terminologia *liberalismo*. Talvez seja interessante, do ponto de vista acadêmico, empreender um esforço para elucidar a genealogia e historicidade de sua versão norte-americana.

Em segundo lugar, porque analisando as disputas intelectuais ocorridas no seio da esquerda dos EUA, sobretudo aquelas que ocorreram entre liberais, conseguiremos compreender um pouco da constituição do próprio movimento neoconservador – uma vez que segundo Irving Kristol um neoconservador nada mais é que um “liberal assaltado pela realidade”.

Em terceiro lugar, estudaremos de forma detida uma das revistas de esquerda mais prestigiadas intelectualmente do mundo, bem como a produção científica do *think tank* apontado como a maior influência na condução da Guerra do Iraque.

Estudaremos, ainda, a obra de alguns intelectuais que figuram há décadas no debate público norte-americano, e que, por um motivo ou outro, ainda são pouco conhecidos do público brasileiro. O presente trabalho talvez ajude a reverter essa situação.

Quanto ao corte temporal, ele vai de 2000 a 2006. E se justifica na medida em que abrange um período no qual a *Dissent* e o PNAC estavam simultaneamente em atividade. Ademais, será interessante investigar as fontes nos três anos que antecederam a Guerra do Iraque e, depois, nos três anos que a sucederam. Assim procedendo, teremos material suficiente para tentar solucionar as questões aqui propostas. Deve-se destacar ainda que 2006 é o marco final, pois é o momento no qual o PNAC encerra suas atividades e que Robert Gates sucede Donald Rumsfeld no cargo de Secretário de Defesa dos EUA – dando um novo direcionamento à guerra.

BIBLIOGRAFIA

AMBROSIUS, Lloyd E. *Wilsonianism: Woodrow Wilson and His Legacy in American Foreign Relations*. United States of America: Palgrave Macmillan, 2002.

ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BAWER, Bruce. *Surrender: Appeasing Islam, Sacrificing Freedom*. United States of America: Anchor Books, 2010.

BEINART, Peter. *The Good Fight*. United States of America: HarperCollins, 2006.

_____. *The Icarus Syndrome: A History of American Hubris*. United States of America: Harper, 2010.

BELL, Daniel. *O Fim da Ideologia*. Brasil: Editora Universidade de Brasília, 1980.

BERMAN, Paul. *Terror and Liberalism*. New York: W.W Norton & Company, 2004.

_____. *The Flight of the Intellectuals*. New York: Melville House, 2010.

BLOOM, Alexander. *Prodigal Sons: The New York Intellectuals and Their World*. New York: Oxford University Press, 1987.

BUCHANAN, Patrick J. *A Republic Not an Empire*. Washington: Regnery Press, 2002.

CHOMSKY, Noam. *11 de Setembro*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001.

_____. *O Poder Americano e os Novos Mandarins*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

COHEN, Nick. *What's Left? How Liberals Lost Their Way*. Great Britain: Harper Perennial, 2007.

COLE, Darrell. *When God Says War is Right*. Colorado: Water Brook, 2003.

CUSHMAN, Thomas. (ed.) *A Matter of Principle: Humanitarian Arguments for War in Iraq*. USA: University of California Press, 2005.

_____. (ed.); COTTEE, Simon (ed.) *Christopher Hitchens and His Critics: Terror, Iraq, and the Left*. United States of America: New York University Press, 2008.

DAWLEY, Alan. *Changing the World: American Progressives in War and Revolution*. United States of America: Princeton University Press, 2003.

EHRMAN, John. *The Rise of Neoconservatism*. New Haven: Yale University Press, 1996.

FRIEDMAN, Murray. *The Neoconservative Revolution: Jewish Intellectuals and the Shaping of Public Policy*. United States of America: Cambridge University Press, 2005.

HARTZ, Louis. *The Liberal Tradition in America*. New York: A Harvest Book, 1955.

HOLBROOKE, Richard. "Authentically Liberal." *Foreign Affairs*, July/August 2006.
Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/61752/richard-holbrooke/authentically-liberal?page=show>
Acesso em: 13 de Setembro de 2010.

JUDT, Tony. "Bush's Useful Idiots." *London Review of Books*, 21 de Setembro de 2006.

Disponível em: <http://www.lrb.co.uk/v28/n18/tony-judt/bushs-useful-idiots>
Acesso em: 07 de agosto de 2010.

_____. *Passado Imperfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUMONVILLE, Neil (ed.). *The New York Intellectuals Reader*. United States of America: Routledge, 2007.

KRISTOL, Irving. *Neoconservatism: The Autobiography of an idea*. United States of America: Elephant Paperback, 1999.

MEAD, Walter Russel. *Poder, Terror, Paz e Guerra: Os Estados Unidos e o Mundo Contemporâneo sob Ameaça*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. *Uma Orientação Especial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas Políticas na História: Novos Estudos*. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2009.

NASH, George H. *The Conservative Intellectual Movement in America since 1945*. New York: Basic Books, 1979.

POWER, Samantha. *Genocídio: A Retórica Americana em Questão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. "The Democrats & National Security." *The New York Review of Books*, 17 de julho de 2008.

Disponível em: <http://www.nybooks.com/articles/archives/2008/aug/14/the-democratsnational-security/?pagination=false>

Acesso em: 13 de Setembro de 2010.

ROSEN, Gary (ed.) *The Right War?* USA: Cambridge University Press, 2005.

SCHLESINGER Jr., Arthur. *Os Ciclos da História Americana*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1992.

SOUSA, Rodrigo Farias de. *A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

STELZER, Irwin (ed.) *The Neocon Reader*. United States of America: Grove Atlantic, 2004.

WALZER, Michael. *Just and Unjust Wars*. 2006. New York: Basic Books.

_____. *Arguing about War*. United States of America: Yale University Press, 2004.

WATTENBERG, Ben J. *Fighting Words: A Tale of How Liberals Created Neo-Conservatism*. United States of America: Thomas Dunne Books, 2008.

WOODWARD, Bob. *Plano de Ataque*. São Paulo: Editora Globo, 2004.

_____. *Bush em Guerra*. São Paulo: Editora Arx, 2002.

_____. *State of Denial: Bush at War, Part III*. United States of America: Simon & Schuster, 2006.